

AS INFLUÊNCIAS DAS LÍNGUAS BANTU NO PORTUGUÊS DE BRASIL: ORIGENS E TRAJETÓRIAS RUMO AO PRETOGUÊS

MAKOSA TOMÁS DAVID*

Universidade Federal do Sul da Bahia

GABRIEL NASCIMENTO DOS SANTOS**

Universidade Federal do Sul da Bahia

<http://orcid.org/0000-0002-7695-9264>

RESUMO

Durante muito tempo a história do português brasileiro refletiu dilemas em torno de sua história europeia. Somente nas últimas décadas do Século XX (ou mais atualmente) as discussões sobre as contribuições africanas passaram a ser presentes nos estudos linguísticos. O presente trabalho traz uma abordagem da formação histórica da Língua Portuguesa no Brasil, tendo em vista os traços africanos que fazem o Português Brasileiro (PB) ser uma língua africanizada rumo àquilo que atualmente está a ser chamado de Pretoguês.

Palavras-chave: História do Português, Contribuição afrikana, Pretoguês e africanização

ABSTRACT

ON THE INFLUENCES OF BANTU LANGUAGES IN BRAZILIAN PORTUGUESE: ORIGINS AND WAYS TOWARDS PRETOGUESE

For a long time the history of Brazilian Portuguese reflected inquiries around its alleged European origins. Only in the last decades of twentieth-century, undertakings on African contributions have been taken into account in language studies. This paper explores the formations of Brazilian Portuguese based on the African aspects that highly influenced Brazilian Portuguese (BP) into an Africanized language what we term Pretoguese.

Keywords: Portuguese formations; African contributions; Pretoguese and African settings.

RESUMEN

LAS INFLUENCIAS DE LAS LENGUAS BANTÚ EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO: ORÍGENES Y TRAYECTORIAS HACIA EL PORTUGUÉS NEGRO

Durante mucho tiempo, la historia del portugués de Brasil reflejó dilemas en torno a su historia europea. No fue hasta las últimas décadas del siglo XX

* Graduando em Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Jorge Amado (IHACJA), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: davidmakosa929@gmail.com

** Doutor em Letras, Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília (UnB). Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: gabriel@ufsb.edu.br

(o más recientemente) cuando los debates sobre las aportaciones africanas se hicieron presentes en los estudios lingüísticos. El presente trabajo aporta una aproximación a la formación histórica de la lengua portuguesa en Brasil, teniendo en cuenta los rasgos africanos que hacen del portugués de Brasil (PB) una lengua africanizada hacia lo que actualmente se denomina Pretuguês. **Palabras clave:** Historia de Portugal, Contribución afrikáner, Pretuguês y africanización

INTRODUÇÃO

As influências africanas para a formação do português brasileiro têm recebido grandes contribuições de campos como a linguística histórica (PETTER, 2015; MATTOS E SILVA, 2004), em que podemos compreender desde o contato linguístico inicial até as condições de existência de transmissão ancestral das línguas Bantus entre escravizados e na sociedade brasileira em geral.

A invasão colonial gerou um hiato de quase um século em que as políticas linguísticas coloniais¹ ainda não sofriam as mudanças advindas da Reforma Pombalina do Estado Português, mas em que já se usava a domesticação linguística como uma forma de transmissão dos saberes ocidentais.

Porém, como é sabido, é nesse contexto que se estabelecem línguas de transição, como as línguas gerais e os processos de contato pelos quais passamos a conhecer as mais diversas influências das línguas Bantus para o Português brasileiro rumo ao que queremos conceituar como Pretuguês.

Neste artigo analisaremos essas trajetórias históricas do português brasileiro visando estabelecer um nexu historiográfico para a visão de pretuguês sem que, com isso, tenhamos uma visão linear, isto é, de que o pretuguês é uma variante do português ou uma língua crioula. Para escapar dessas dimensões, primeiramente

vamos examinar a literatura sobre a formação do português brasileiro e, em seguida, examinaremos o contato do português brasileiro com as línguas africanas. Como corpus analisado, utilizamos os poemas do poeta baiano Gregório de Matos para identificar palavras que, ainda hoje, são reconhecidas em Angola. Utilizamos a memória de um dos autores, que é angolano, para realizar tal identificação. Por fim, destacaremos quais traços dessa história permitem identificar os caminhos pelos quais o pretuguês percorreu até se estabelecer entre nós, além de propormos uma definição do conceito de pretuguês a partir das comunidades de fala negros descendentes no Brasil.

A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E O MONOLINGUISMO DO COLONIZADOR

Foi no início do século XVI segundo Lucchesi (2009) que os primeiros invasores portugueses chegaram ao Brasil. Naquele mesmo tempo, no território brasileiro, existiam comunidades indígenas que habitavam a costa brasileira. Como sabemos, essas comunidades não falavam língua portuguesa, mas línguas que pertencem ao Tronco Tupi. Monolíngues, os portugueses não conseguiam entender aquelas línguas, o que os levou a utilizar um instrumento de comunicação chamado nos estudos linguísticos por Língua Franca.

Segundo nossa compreensão, isso permitiu que eles pudessem implementar inicialmente a força de trabalho indígena no Brasil para o

1 Estamos chamando de políticas linguísticas toda política, consciente ou não, direcionada enquanto tal para aspectos de linguagem ou que influenciem aspectos de linguagem porque não diferenciamos aspectos extralinguísticos e linguísticos a partir de uma visão de regularidade linguística,...

cultivo da cana-de-açúcar, tabaco e algodão e, mais tarde, por meio do tráfico transatlântico em massa, que gerou um horroroso sistema escravocrata de 388 anos, com quase 11 milhões de escravizados africanos trazidos para as Américas.

Como sabemos, para que os portugueses conseguissem o domínio dos territórios brasileiros, ou seja, para que eles dominassem os nativos, o primeiro ato ou o ponto principal foi deles aprenderem uma língua, que foi a língua geral, pois só assim eles conseguiram entrar em comunicação e terem conseguido sobreviver, tal como observa Oliveira (2017).

Partimos do pressuposto de que línguas, enquanto construto coloniais, são também invenções coloniais (MAKONI e PENNYCOOK, 2007; MAKONI e PENNYCOOK, 2012) dos próprios colonizadores que surgiram, durante a invasão e o horror que causaram durante séculos, as línguas como forma de organizar, classificar e submeter povos ao seu domínio. Mais do que isso, o conceito de língua como invenção desnuda a ideia de que tanto as línguas nacionais/moderno-coloniais europeias quanto as línguas nomeadas pelos colonizadores e estudiosos eurocêntricos na África e nas Américas, por exemplo, são invenções (ver MAKONI e MASHIRI, 2007, para mais a respeito dessa discussão). As línguas gerais, enquanto apropriação do colonizador para se comunicar, e sendo ele monolíngue, são um exemplo complexo de como o colonizador não conseguiu desde o início impor o seu monolingüismo.

A respeito das línguas gerais, Oliveira (2017) discute que, naquele tempo, elas facilitavam o entendimento de tudo no Brasil. As línguas nativas da Costa pertenciam, em sua grande maioria, ao Tronco Tupi, de onde derivam as Línguas Gerais.

Como já mencionamos, seguindo as ideias de Oliveira (2017), os colonizadores, como eram monolíngues, e para conseguirem a efetiva dominação do território, tiveram que aprender as línguas indígenas. Ao contrário do monolingüismo do colonizador, diversos autores

apontam a formação histórica do português brasileiro como uma história de multilingüismo, como é o caso de Rodolfo Ilari e Renato Basso (OLIVEIRA, 2017). Isso porque o monolingüismo do colonizador foi uma vitória tardia do domínio português que, necessariamente, não logrou êxito em todo o território brasileiro. Segundo a autora, em referência aos estudiosos, a população nativa contava com mais de 6 milhões de pessoas que falavam cerca de 340 línguas. Essas ideias nos permitem dizer que o multilingüismo é anterior ao colonizador, sendo que, após a colonização, os indígenas foram se tornando uma população cada vez mais rural (como é no Brasil contemporâneo).

Araújo (2021), por outro lado, analisa que uma das línguas que influenciaram o Português Brasileiro (de agora em diante PB) vieram do tronco Tupi-Guarani, e eram faladas por indígenas que viviam especialmente no Litoral. Naquele período os padres jesuítas, por meio da Companhia de Jesus², foram enviados ao Brasil para catequizar os indígenas e tiveram que estudar línguas indígenas, tendo contribuído por sua disseminação.

Algo que não podemos deixar de falar quando nos referimos ao PB, para além das línguas indígenas são as chamadas línguas Bantu, de base afrikana. Nesse período, por meio do tráfico transatlântico, foram trazidos ao Brasil diversas línguas, como o Kikongo, Kimbundu e Umbundo. Essas línguas contribuíram para o enriquecimento da Língua Portuguesa no Brasil, pois, muitas palavras, como também afirma Araújo (2021), que o PB tem atualmente surgiram ou foram herdadas das línguas afrikana.

Para Nascimento (2019) e Pessoa de Castro (2011), as línguas afrikanas foram um dos principais pontos na contribuição fundamental da história do PB até hoje. Trabalhando para a separação de afrikanos de mesma etnia e língua no território brasileiro, os colonizadores bus-

2 ARAÚJO, Ana Paula de. Companhia de Jesus. Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/companhia-de-jesus/>>. Acesso: 19-08-2022.

caram empreender a ideia de que essas línguas entrassem no processo de desaparecimento. Porém, como milhões de africanos passaram a ser obrigados ao trabalho escravo, e, ao não terem acesso a uma educação, o que seria a principal forma de domesticação linguística, passaram a desenvolver o contrário, um conjunto de influências no PB.

A escravidão negreira no país durou 388 anos e se baseou principalmente na monocultura de diversas lavouras, entre elas a cana-de-açúcar e o café. Diversos povos africanos chegaram no país desde o início, sendo os primeiros os de reinos como o Kongo e Ndongo, onde línguas Bantu eram faladas.

Ao tratar sobre as feridas coloniais deixadas no racismo e na forma como o racismo impele suas marcas no mundo moderno, Mbembe (2018) retoma a forma como o próprio poder moderno-colonial instaura a figura do biopoder, um poder disciplinar sobre vida, com vistas a entender corpos negros como descartáveis, indignos de luto. O sistema colonial de monoculturas fez com que escravizados, restritos a zonas de horror e perversão, pudessem usar a dor para produzir formas de criatividade linguística e artística (NASCIMENTO, 2019; GATES JR., 1988), o que fez com várias dessas línguas não conseguissem ser erradicadas e, ao contrário, gerassem contribuições efetivas aos vernáculos brasileiros.

A ideia de descarte dos negros pela necropolítica, um estágio de morte que a modernidade cria e impõe a pessoas negras (MBEMBE, 2018) vem das inscrições coloniais que fazem do sujeito preto africano um ser tutelado, ou um não-ser (FANON, 2008).

Para Fanon (2008) o colonialismo criou marcas indelévels nas pessoas negras, de modo que a própria língua criou aspectos de sujeição. No Francês, por exemplo, enquanto pessoas negras antilhanas jamais tivessem reconhecida a sua língua como legítima, nomes para essas línguas, como *petit-nègre*, provavam que o falar colonial mediava as pessoas negras como se elas fossem crianças (infantes). Recentemen-

te, num podcast que foi bastante divulgado no Brasil sobre o caso de uma mulher branca criminosa que, ao escravizar sua trabalhadora por vinte anos nos Estados Unidos, fugiu para o Brasil e se escondeu numa velha mansão em São Paulo, a própria entrevistada, uma escravizadora condenada, descreveu assim sua trabalhadora escravizada: “ela era uma amiga, não tínhamos ela como empregada, era uma criança, parecia uma criança grande”³ No caso das Antilhas, bem parecido com esse, Fanon (2008) alega que o francês dos antilhanos era por vezes agredido com escárnios e chistes e que, aquele antilhano que viajasse para a metrópole, a França, era temido.

PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTATO COM AS LÍNGUAS AFRICANAS

Como já dito neste trabalho, durante o séc. XVI até o séc. XIX chegaram ao Brasil quatro a cinco milhões de afrikanos que falavam línguas Bantu e que eram originários das regiões da África Subsaariana, como aborda Pessoa de Castro (2005) na sua obra “A influência das Línguas Africanas ao Português de Brasil”.

Pessoa de Castro (2005) analisa que a região Bantu está constituída por um grupo que tem 300 ou mais línguas muito semelhantes que são faladas em 21 países, como: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Maláui, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul e sem esquecer Angola, que foi o país onde saíram vários afrikanos que foram para o Brasil.

O maior número de falantes que foram ao Brasil falava Kikongo, Kimbundo e Umbundo. Por várias razões, o empreendimento colonial

3 A Mulher da Casa Abandonada | Ep.1: A Mulher. Folha de S. Paula. Youtuber. 8 de jul. de 2022. Duração: 40:41 Disponível: <https://youtu.be/Ysgk039_MiY>. Acesso em: 18-08-2022.

português se alargou ainda mais com a chegada dos afrikanos (LUCCHESI, 2009). Os escravizados chegaram a desempenhar as funções de controle da produção, como capatazes ou mesmo de repressão. Isso tudo porque esses afrikanos começaram a receber ordens para caçarem os demais afrikanos que fugiam da colonização.

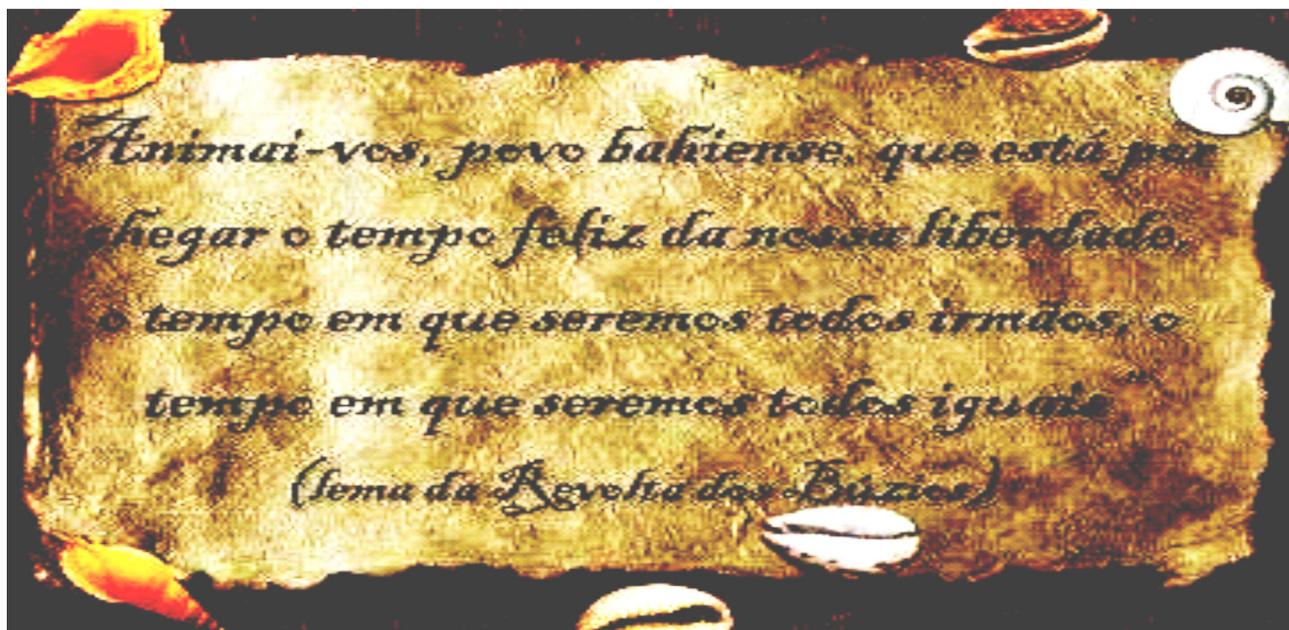
O contato entre essas línguas foi sendo desenvolvendo ao longo da história brasileira e atingiu vários níveis. Seguimos Pessoa de Castro (2005) na defesa de que, após mais de 4 séculos de contato de afrikanos e seus descendentes no Brasil, o português brasileiro é profundamente afrikanizado. Durante esse todo processo de contato entre as línguas, os escravizados, por causa da quantidade populacional, obtiveram uma grande presença territorial no Brasil colônia, levando, como já dissemos, o efeito contrário pretendido pelo colonizador e seu monolinguismo colonial.

Vários autores referendam a ideia de influências das línguas Bantu para o português

brasileiro. Para Pessoa de Castro (2005) existem comunidades negras rurais que ainda falam dialetos de bases Bantu e elas são faladas como línguas especiais. Isso nos leva a crer que várias dessas comunidades, de maioria negra, são resultantes da expansão de quilombos pelo país (MOURA, 2014).

Durante o período escravocrata, várias eram as formas de organização dos escravizados. Moura (2014) destaca as revoltas pró-independência (quase todas com ampla participação negra), as guerrilhas e os quilombos. Entre as revoltas pró-independência do Brasil, destacamos algumas que tiveram ampla participação de escravizados, como a Conjuração Baiana, a Conjuração Mineira, a Revolta dos Malês e a Revolução Farroupilha. Essas manifestações tiveram participação singular dos escravizados que, estratégicos, fomentavam a existência de manifestos e sociedades secretas, como aquela erguida em 1798 na Bahia em árabe e português nas ruas para chamar a todos a se rebelar contra os colonizadores:

Gravura 01 - Manifesto 1798.



Fonte: <http://www.palmares.gov.br/?p=22276>

Isso indica que a língua foi um componente essencial para a organização anti-escrava no país. Além disso, destacamos as guerrilhas que, para Moura (2014), sacudiam as fazendas coloniais. A exemplo disso, a guerrilha que atuava

perto do Quilombo do Urubu, em Salvador, causava enorme medo fazendo com que, segundo Azevedo (1987), aquela onda negra levasse ao medo branco que sepultou de vez a escravidão negreira no país.

Por último, tomando a forma de organização do autor, retornamos aos quilombos, aqueles que, para Nascimento (1980), figurou como a principal organização política dos brasileiros por séculos. Os quilombos eram lugares para onde escravizados fugiam após conseguir fugir do cativo. Mais do que isso, passaram a ser sociedades supra-africanas que se espalharam em milhares de comunidades no país inteiro.

Além disso, outras formas de organização de escravizados se ergueram no período colonial, como as irmandades negras, as greves negras, o candomblé e a capoeira. O primeiro caso levou instituições históricas a se erguerem na própria igreja católica com solidariedade à vida de pessoas negras. Na Bahia existe até hoje a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e em alguns estados chegou a existir a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, fazendo com que algumas igrejas atualmente continuem a ser chamada de Igreja dos Homens Pretos ou Igreja do Rosário dos pretos. Várias greves negras sacudiram o país, como na Bahia e Rio de Janeiro. A mais antiga data de 1789 na cidade de Ilhéus, quando escravizados sequestraram o antigo Engenho de Santana e escreveram eles mesmos, alfabetizados que eram, uma carta para a Coroa Portuguesa exigindo reformas e se lendo como seres humanos e não como escravos. Os candomblés ainda figuram como uma das principais organizações políticas do povo negro no Brasil. Datados de 200 a 300 anos, esses espaços religiosos passaram a ser disseminados com o início do tráfico negreiro de escravizados do oeste africano.

Criados em torno da solidariedade afrikana, do acolhimento a sujeitos que mantinham relações de linhagem ego-política com seus ancestrais, esses cultos rememoram até hoje costumes sociais e linguísticos que passaram a se perder com a urbanização e modernização do imaginário brasileiro. Alguns aspectos cruciais dos linguajares africanos, em especial Bantu e Yorubano, se mantiveram nesses espaços, como as saudações aos ancestrais, como *Agô* para pedir licença aos ancestrais,

além de saudações específicas, como *Atotô ò, Ora Ye ye, Kaô Kabeciliê, Epa Baba, Laroye, Okê Arô, Ogunhê Patakuri, Eparrey, Saluba, Odoyá*⁴, entre outros.

A capoeira, dança e luta angolana chegada inicialmente com os povos de línguas Bantu, também disseminou com força as africanidades no país. A exemplo disso, as cantigas trazem até hoje elementos históricos e contam de diversas formas a história dos ancestrais africanos que aqui conviveram.

Todos esses movimentos ajudaram a modificar a base do PB, mas, neste trabalho, vamos focar somente na influência Bantu o sentido de perceber como ela ajuda a influenciar o nosso português. Diversos autores abordam que alguns termos herdados desses povos foram *muamba, mandinga (referentes ao culto); fubá, quitute (da culinária);* e outros como *cachimbo, marimbondo, cafundó, quitanda, quilombo, senzala e moleque*, como é o caso do Spina (2008, APUD LIMA E SALOMÃO, 2013).

Como o objetivo é de mostrar essas influências Linguísticas no Português brasileiro (PB) atual, importamos para trabalho a organização de itens de Krauniski (2017), com uma lista de palavras de origem africana que fazem parte do dia a dia brasileiro: *denço*, segundo os dicionários, a palavra significa “lamentação infantil”, “manha”, “meiguice”. Contudo, a palavra de origem Bantu (atualmente Kongo, Angola e Moçambique), na língua Kikongo tem um sentido mais profundo e ancestral: *denço* é um pedido de aconchego no outro em meio ao duro cotidiano. *Cafuné*, no Kimbundo também existe a palavra *kafuné*, que significa acariciar/coçar a cabeça de alguém. *Caçula*, do Kimbundo *kazuli*, que significa o último da família ou o mais novo. *Moloque*, do kimbundo *mu’leke*, que significa “filho pequeno” ou “garoto”, era um modo de se chamar os seus filhos de *mu’lekes*.

⁴ A escrita dessas saudações traz um risco de normatizações. Como se trata de saudações orais, fica evidente que a escrita pode correr o risco de traduzir a saudação em sua versão fonocêntrica.

Quitanda, do termo Kimbundo kitanda, trata-se de um pequeno estabelecimento onde se vende produtos frescos, como frutas, verduras, legumes, ovos, etc. Fubá, da língua Kimbundo, é uma farinha feita com milho. Feijão e angu – creme feito apenas com fuba e água – eram a base da alimentação dos africanos e afro-brasileiros. Dendê, do Kimbundo ndende, o dendê, ou óleo de palma, é popular nas culinárias africanas. Ele é produzido a partir do fruto do dendezeiro – um tipo de palmeira originária do oeste da África. Indispensável na cozinha afro-brasileira, o dendê é utilizado em pratos como o vatapá e o acarajé. Cachaça, aguardente de cana-de-açúcar é usada no preparo do coquetel brasileiro. A palavra tem origem na língua kikongo Axé, o termo geralmente é usado como o “assim seja”, da liturgia cristã, e também “boa-sorte”. Contudo, segundo as religiões afro-brasileiras, axé (do iorubá ase) é bem mais do que isso: é a energia vital encontrada em todos os seres vivos e que impulsiona o universo.

Candomblé, esta é a religião de matriz africana mais praticada no Brasil. Candomblé é a união do termo kimbundo candombe, que significa “dança com atabaques”, com o termo iorubá ilê (casa): “casa de dança com atabaques”. Macumba, quimbakumba é uma religião que começou a ser praticada na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro e é uma variante do candomblé. Cachimbo, outra palavra de origem africana que define um instrumento utilizado para fumar, geralmente, tabaco. A palavra deriva do termo kixima de uma das línguas bantas mais faladas em Angola: o Kimbundo.

Esses termos das línguas afrikana, especificamente angolanas, que estão presente no PB. Essas palavras sofreram muitas transformações por causa da língua portuguesa, pois o português desconhecia elas, e com o passar do tempo elas passaram no processo do portuguêsamento, atualmente, algumas pessoas escrevem da maneira como está na língua portuguesa e outras escrevem de acordo a sua origem, isso

tudo porque no alfabeto das línguas Bantu não existe a consoante “C”. E isso fez com que escrevêssemos “Áfrika e afrikano com K e não com C”. A palavra makumba atualmente significa feitiço em Angola. Atualmente em Angola, a palavra cachimbo já não tem mais o mesmo significado que antes, agora cachimbo é uma estação de tempo. Atualmente a língua Kimbundo não é mais umas das línguas mais faladas em Angola, agora a língua nacional mais faladas são: Umbundo, Kikongo e outras.

ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E MORFOSSINTÁTICOS ADVINDOS DA INFLUÊNCIA AFRICANA

Mussa (Apud Mattos e Silva, 2004, p. 18) lembra em seu trabalho que o número de falantes de línguas Bantu sempre foi superior no território brasileiro. Isso tudo nos faz entender de forma muito a importância de nativização e existência de um PB que só poderia existir enquanto tal por causa dessas influências. Mussa lembra que os estudiosos abordam 16 aspectos fonético-fonológicos do PB com forte relação com as línguas afrikanas que haviam chegado em Brasil e em Portugal. Essa análise nos leva à conclusão de que os falantes do PB, influenciados por essas línguas, escolhem a forma menos marcada linguisticamente, ou seja, estruturalmente mais simples e socialmente menos estigmatizada (Idem).

Mattos e Silva afirma que durante muito tempo (ao longo do Brasil colonial), existiu um multi/bilinguismo generalizado, principalmente na população afrikana e afro-descendente. Esse multi/bilinguismo, durante o séc. XIX, torna-se mais localizado e visível a partir das línguas da família Kwá, como o Iorubá (apud Pessoa de Castro, 2001:38)

Pessoa de Castro (2001) analisa as línguas Bantu são compostas por cinco ou sete vogais -/i e a o u/ ou /i e ε a o ɔ u/, que são dois tons, altos e baixos, sem o uso de vogais nasais, enquanto as línguas Kwá, como o Ewe-fo e o Iorubá, são constituídas por sete vogais /i

e ε a o ɔ u/, sendo orais e nasais, bem como o Iorubá uma língua tritonal (Apud Oliveira, 2017).

Sem esquecer das estruturas silábicas, Pessoa de Castro (2005) analisa que:

Entre essas semelhanças, o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o ê, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal. consoante vogal), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona. Esse tipo de aproximação casual, mas notável, provavelmente possibilitou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a, portanto, do português de Portugal, de pronúncia muito consonantal. (Cf. a pronúncia brasileira *pi.neu, *a.di.vo.ga.do, *ri.ti.mo em lugar de pneu, ad.vo.ga.do, rít.mo).

Para Houaiss (1992) os crioulos, especialmente os de base africana, durante muito tempo, eliminavam as chamadas redundâncias do sistema languageiro de origem, por exemplo:

“os meninos precisam ter dois pães” e chegasse à seguinte conclusão: “os meninos” é redundante, basta “os menino” (pois o plural continua aí marcado mais economicamente); “os meninos precisam ter” é sistematicamente redundante ainda, basta “os menino precisa tê” (pois o R final do infinitivo é excrescente, já que sintagmaticamente tê é inequívoco, ademais de ser mais econômico) (grifos nossos).

Houaiss (1992 Apud OLIVEIRA, 2017) explora outras situações languageiras no Brasil que têm caráter e de um pan-crioulo, conforme Quadro 01:

Quadro 01 – Situações de linguagem no Brasil

SITUAÇÕES DE LINGUAGEM NO BRASIL	
1 - O desaparecimento do R final	
2 - O desaparecimento do s final (salvo um, irredundante, no sintagma, para notar o plural)	
3 - A instabilização do L final	
4 - A redução do ditongo ou a o	
5 - A redução do ditongo ei átono a e	
6 - A regularização irredundante da conjugação	
7 - A flexão nominal (substantivo e adjetivo) eliminada em número, reduzindo a um morfema s final único num sintagma	
8 - A instabilização de certos fonemas do padrão, como lh, rr, nh	
9 - A instabilização das vogais finais que no padrão são grafadas -o e -em etc.	

Fonte: Oliveira, 2017

Quanto ao nível morfossintático, podemos também constatar no Quadro 02:

Quadro 2 – Nível morfossintático

NO NÍVEL MORFOSSINTÁTICO	
1- Uso reduzido do artigo:	a) “eu sô fia de lugá”, ‘eu sou filha do (deste) lugar’.
2- Variação na concordância de gênero no SN:	a) “o meu sobrinha” b) “umas duas arquerim de terra...”.
3- Uso da diátese lexical, ao invés de estruturas passivas:	a) “e bicho encontrava lá”, ‘e bicho era encontrado lá’.
4 - Regência verbal:	a) “Perguntei a Pedro, ele disse...”,(…) d) “Eu não queira ficá o jeito que ela queria” ‘Eu não queria ficar do jeito que ela queria que eu ficasse’

5 - Supressão da preposição:	a) “folha mandioca”, ‘folha de mandioca’: b) “Eu tenho direito distraí um pouco”, ‘Eu tenho direito de me distrair um pouco’;
6 - Ausência do verbo copulativo:	a) “Esse aí neto de Casimiro”, ‘Esse aí é neto de Casimiro’;
7 - Ausência de concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo:	a) “e inté hoje taistragado minha vista”. b) “A festa aí é bunito”. c) “ela fico bom”. d) “A minina tá meidumentado.”;
8 - Orações encaixadas sem complementizador:	a) “eu teve cunvessano... foi com quem? Acho que foi cum Pedro mehmo, ele disse a Irma dele veio do Rio.”; ‘eu estive conversando... foi com quem? Acho que foi com o Pedro mesmo, ele me disse que a Irma dele veio do Rio. (...)’
9 - Dupla negação marcada no sujeito:	a) “Ninhum discarado num tá trabaiano não”. c) “Esse tempo lá, ninguém num tava ligano de negóci de falá em fazê procuração”.

Fonte: Inspirado em Baxter e Lucchesi (1997)

LÉLIA GONZALEZ E O PRETOGUÊS⁵

O termo Pretuguês parece ser novo, mas ele tem relação direta com toda a nossa discussão até aqui. A primeira grande voz brasileira a dar nome a esse conjunto de práticas foi a antropóloga negra brasileira Lélia González durante alguns de seus textos. Para ela:

[...] aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o **L** ou o **R**, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico cultural do continente como um todo (GONZALEZ, 1988 Apud TOLENTINO, 2018, p. 117)

González (1984) faz uso de diversos aspectos para analisar a preponderância afrikana na fala brasileira. Por exemplo, a troca do som **L** por **R**, algo que eu, um dos autores deste trabalho e de origem angolana, afirmo que existe também na sociedade angolana até os dias de hoje. (GONZALEZ, 1988, p. 71 Apud TOLENTINO, 2018, P. 118)

Assim, baseados em González (1984) e Nascimento (2019), definimos pretuguês como um conjunto de práticas que os brasileiros,

⁵ Sendo angolano reconheço que tudo aquilo que Houaiss e Lucchesi analisaram também fazem da população angolana.

especialmente os de origem afrikanas, passam a utilizar, selecionando repertórios e usos distintos, para falar o português brasileiro.

Neste trabalho, buscando ativar aspectos de duoetnografia, descrevemos uma parte da pesquisa de ambos os autores, de origem similar. Um de nós é brasileiro pardo, de origem afrobrasileira, baiana que guarda histórias de África na família. O outro é preto, afrikano e angolano da etnia Bakongo, localizada ao Sul de Angola.

Como parte da nossa interação na pesquisa, no desenho duetnográfico neste trabalho buscamos observar, com base no conhecimento de brasileiro de origem afrikana e angolano, termos e expressões que constaram na poesia do também baiano Gregório de Mattos. Buscando consolidar a discussão realizada até aqui, o *corpus* vai permitir solidificar a ideia de que, embora afrikano, o português brasileiro já tenha sido mais afrikano.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Olhando essa questão de contatos para a formação do português de Brasil em que vários autores que mencionamos falamos, nos debruçamos na influência das línguas Bantu na poesia do baiano Gregório De Matos, considerado um dos maiores poetas brasileiros do período do Barroco. Importante ressaltar que, naquela época,

o kimbundu era uma das línguas mais faladas no estado da Bahia, região ao autor e chegou a ser publicada em forma de gramática, como é o caso de *A Arte da Língua de Angola* de 1697, de autoria do padre jesuíta Manuel Álvares.

Gregório de Matos nasceu em Salvador em 1636 e acabou se tornando uma das vozes mais ácidas da poesia durante o Brasil Colônia. Embora branco, Gregório é reconhecido justamente pelas influências populares em sua escrita. Essas informações justificaram nossa escolha por esse poeta. Após escolher o poeta, usamos a consciência linguística de um dos autores, que é angolano para fazer uso e reconhecimento de termos utilizados pelo poeta e ainda não explorados. Um deles é *bonzo*, como transcrevemos a seguir:

Um paiá de Monai, bonzo bramá
Primaz da cafraria do Pegu,
Quem sem ser do Pequim, por ser do Acu,
Quer ser filho do sol, nascendo cá.
Tenha embora um avô nascido lá,
Cá tem tres pela costa do Cairu,
E o principal se diz Paraguaçu,
Descendente este tal de um Guinamá.
Que é fidalgo nos ossos cremos nós,
Pois nisso consistia o mor brasão
Daqueles que comiam seus avós.
E como isto lhe vem por geração,
Tem tomado por timbre em seus teirós
Morder nos que provêm de outra nação.
(GREGÓRIO DE MATOS, 2022)

O poema citado, “Um paiá de Monai, bonzo bramá” utiliza a palavra *bonzo*, uma palavra de origem kimbundo que provém da palavra *mbonzo* que, ainda hoje em Angola, segundo o site *Meu Dicionário* (Disponível em < <https://www.meudicionario.org/bonzo> >) significa batata doce cozida com azeite, bananas e milhos vendidas nas portas das casas.

No trecho a seguir, que pertence ao poema que tem como título “Senhora Dona Bahia” de Gregório de Matos podemos notar que há presença de palavra de origem Kimbundo. No Kimbundu atual em Angola falamos *muzumbu*, que quer dizer grosseiro, atrasado, bruto e iletrado:

Começam a olhar para ele os Pais, que já querem dar-lhe Filha, e dote, porque querem homem, que coma, e não gaste. Que esse mal há nos *mazombos*, têm tão pouca habilidade, que o seu dinheiro despendem para haver de sustentar-se. (MATOS, 2022 – grifo nosso)

O desaparecimento dessas palavras no Português brasileiro acende a discussão sobre a incorporação das palavras de línguas Bantu ou seu desaparecimento no Português Brasileiro. Como se discute atualmente, o Português brasileiro teria descendido de um processo de crioulização do Português Europeu (GUY, 1981; KATO e MARTINS, 2016; LUCCHESI, 2009; LUCCHESI, 2019).

É muito forte a presença das palavras de origem Kimbundo nos poemas do Gregório De Matos, como pudemos perceber. Um fato fundamental é perceber que a influência em sua obra resulta do impacto que as comunidades de línguas Bantu tinham naquela época inclusive sobre comunidades brancas. Segundo Pessoa de Castro (2011), a influência das línguas Bantu, ao contrário dos Estados Unidos e do que normalmente se convencionou a respeito do *African American Vernacular English (AAVE)*, não se dá apenas em comunidades fala negras no Brasil. Um exemplo é a dupla negação que, segundo a autora, também tem raiz entre escravizados e que atualmente é pronunciada pela imensa maioria dos brasileiros e brasileiras.

O fato de não estudarmos nas escolas brasileiras essas línguas aponta diretamente para o que Mignolo (2000) chama de racismo epistêmico. Ou seja, como pensamos falar o Português, uma língua europeia e sem contribuições africanas, não precisamos estudar essas línguas na escola, ainda que saibamos enquanto estudiosos da linguagem que elas tiveram importância crucial para a forma como falamos português no Brasil ou em Angola. No terceiro e último trecho podemos ver mais uma palavra que tiramos do poema intitulado “Décimas”, que é *jimbo*, uma palavra de origem kimbundo e que se escreve *nzimbo* que signifi-

ca dinheiro. Que foi comprada pelo **jimbo**, ou pelo abraço, responde o Juiz madraço, minha honra é minha Lei.

Então, depois de analisar isso tudo, podemos notar que as presenças das palavras de origem angolana estão muito ativas na fala do povo brasileiro isso tudo por causa de vários contatos que tiveram durante o período colonial.

PALAVRAS CONCLUSIVAS

O PB teve uma grande a partir das contribuições afrikanas e isso é perceptível a partir das discussões neste trabalho. Como demonstrado, as línguas Bantu influenciaram o PB tanto na fala como em alguns vocabulários, pois neste país ainda se utiliza muitas palavras oriundas de África, bem como aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos, muitas vezes respondendo à ideia de que a influência foi apenas lexicológica ou lexicográfica.

É sabido, atualmente o Português de Portugal está sofrendo uma grande influência das línguas afrikanas, principalmente de Angola, por causa da longa convivência que eles tiveram com o povo afrikano durante o processo da invasão. Há muitos termos utilizados em Portugal que são de origem angolana.

Olhando o Pretuguês, é possível concluir sua existência como uma forma de existir afrikano da língua. Como exemplo podemos destacar as formas que o pretuguês atua no repertório dos negros brasileiros, como a dança, a culinária, o comportamento, a forma de falar, a religião e muito mais.

Há muito rio para cair no mar, como diriam os nossos ancestrais, mas caminhamos passos largos na direção de redescobrir e reinventar nossas práticas linguísticas africanas no grande oceano negro que, lá atrás, gerou tantas dores aos nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula de. **Companhia de Jesus**.

INFOESCOLA. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/companhia-de-jesus/>>. Acesso: 19 ago. 2022

ARAÚJO, Ana Paula de. **História da língua portuguesa no Brasil**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/portugues/historia-da-lingua-portuguesa-no-brasil/> 2021> Acesso: 2022

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador. UFBA, nº 29/ março 1997.

FANON, F. **Pele Negra Mascaras Brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

GATES JR., H.L. **The Signifying Monkey: a Theory of African-American Literary Criticism**, Oxford University Press, 1988.

GONZÁLEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GREGÓRIO DE MATOS. **Senhora Dona Bahia**. disponível em: <http://nossacasa.net/blog/senhora-dona-bahia>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GREGÓRIO DE MATOS. **Um paiá de Monai, bonzo bramá**. Disponível em: <http://nossacasa.net/blog/um-paia-de-monai-bonzo-brama>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Editora Revan, 1992.

KRAUNISKI, Julie. Quinze palavras de origem africana que fazem parte do dia a dia brasileiro. **REVISTA DA + BABEL**. Disponível em: <<https://pt.babel.com/pt/magazine/15-palavras-do-dia-a-dia-dos-brasileiros-que-sao-herancas-africanas> 2017> Acesso em: 15 jun. 2022

LIMA, A. L. A. ; SALOMÃO, J.M. . Do português europeu ao português brasileiro: origens e formação histórica da língua portuguesa. **Revista Pandora**, v. 1, 2013.

LUCHESSIS, A. **Português afro-brasileiro**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009.

MAKONI, S.; MASHIRI, P. Critical historiography: Does language planning in Africa need a construct of language as part of its theoretical apparatus? In. MAKONI, S; PENNYCOOK, A. **Disinventing and**

Reconstituting Languages. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. Disinventing and Reconstituting Languages. In: MAKONI, S; PENNYCOOK, A. **Disinventing and Reconstituting Languages.** Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. Disinventing multilingualism: From monological multilingualism to multilingua francas. In MARTIN-JONES, M; BLACKLEDGE, A. **The Routledge handbook of multilingualism.** Routledge, 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOURA, C. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** 5ed. São Paulo, Anita Garibaldi, 2014.

NASCIMENTO, A. Quilombismo: An Afro-Brazilian Political Alternative. **Journal of Black Studies**, v. 11, n.2, pp. 141-178, 1980.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Belo Horizonte: Letramento Editorial, 2019.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Contribuições africanas na formação do português brasileiro: elementos linguísticos e culturais.** 2017. [55] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PESSOA DE CASTRO, Y. Marcas de Africania no Português Brasileiro. **Revista Africanias.com**, n. 01, v. 01, 2011.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - Prefeitura da Cidade do Salvador (Org.). **Pasta de textos da professora e do professor.** Salvador: Secretaria Municipal de Educação, v.1, p.01-15, 2005

PETTER, M. **Introdução à linguística africana.** São Paulo: Editora Contexto, 2015, v. 1

TOLENTINO, Joana. **Descolonização, filosofia e ensino: compartilhando vozes de filósofas latino-americanas.** Paraná-Brasil: v. 2 n. 1 (2018): Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul, 2018

Recebido em: 04/10/2022
Aprovado em: 21/11/2022